



m o a s i p r i a n o

BEIJAMIM

m o a s i p r i a n o . c o m

BEIJAMIM

Moa Sipriano

Eu estava pregado.

Mãos doloridas, olhos esbugalhados.

Senso de realidades? Esquece.

Meus ossos imploravam por um banho de cerveja trincando entre glaciares infernais. Já minha alma sonhava com uma cama acolhedora, bem quentinha.

Após trabalhar trocentas horas seguidas na edição de um documentário escalafobético, minha técnica mente suplicava clemência por um merecido descanso. As pernas ardiam, adormecidas pra lá de deus-me-livre. E meu rabo carnudo já não cultivava mais a linda forma original, de tão achatado, compactado, apático.

* * *

Mesmo tarde da noite, um amigo jamais abandona outro amigo.

Hilo estava travado em cima de uma cama. Ele fora presenteado com um corte profundo na coxa esquerda. A Tinquêuinqe despencou de um andaime e arrasou a perna num galho pontiagudo que não deveria fazer parte da obra original. Meu artista carpinteiro terminava sua penúltima obra de arte. Mais uma polêmica escultura, dessa vez ostentando altura aproximada de sete metros.

Hilo passava semanas embrenhado nas matas da ilha à procura de madeiras descartadas pela Grande Mãe.

Galhos distorcidos e troncos eretos formavam a base ideal para criação de admiráveis esculturas que encantavam – ou chocavam – pessoas do mundo inteiro.

Na nova coleção, treze “guerreiros” provocantes seriam expostos em Berlim no próximo setembro.

O arteiro dava os últimos retoques no décimo segundo espécime – Yacan – quando, num descuido bobo, acabou despencando lá do sétimo céu.

Ficava no caminho para minha casa o bambeesconderijo do meu famoso artista. Ao chegar, digitei uma senha que destravou a pesada porta de ferro que dava acesso a um galpão infinito que em tempos remotos fora a primeira e única fábrica de Lovland.

Uma “restauradora de barcos”, segundo Mestre Cirus, o morador mais antigo de Lovland.

Com certo apuro, subi por uma ferrosa escada larga que levava a um amplo cômodo transformado num quarto monástico. Pra variar, escondido nas entranhas da Internet, Hilo pesquisava imagens ousadas de Ursos, só para curtir peitos e malas cabeludas de rústicos machos naturalmente bombados.

“Bibaaa, que saudade!”, disse aos berros afetados o artista convalescente.

“Pensei que a senhora não viesse mais me visitar. Eu quase liguei para a polícia resgatar minha Migaaa!”

Ganhei um abraço apertado e um beijo de lábios fechados. Honestamente preocupado, questionei sobre o estado do ferimento em sua coxa.

Disfarçando o desconforto, Hilo produziu uma careta ridícula, tentando me fazer acreditar que o buraco cicatrizaria num piscar de cu.

“Acho que amanhã voltarei, saltitando, ao meu santo ofício. Já estou ficando louca sem poder manipular aquelas vigas imensas. Ha, ha, ha. Os héteros pagam fortunas para venerar meus paus grandes!”, disse Hilo, entre roufenhas gargalhadas bem doloridas.

“Modéstia nunca foi seu forte, não é mesmo?”, provoquei, enquanto procurava na carteira o pedaço de papel onde eu anotara o telefone de número mágico.

“Gay e Modéstia são incompatíveis”, ele retrucou, colocando o jurássico Toshiba de lado, esticando seus dois braços marmoreados, tilintando sua ânsia quase incontrolável para tocar no tesouro amarrotado que eu segurava entre os dedos formigados da mão esquerda.

“Você tem certeza de que aquela gracinha gostou de mim?”, perguntou Hilo, afobado em demasia. Seu olhar castanho brilhava diante dos números rabiscados no verso de um guardanapo com o timbre do Groove’s.

“Claro! O Gutti te achou um partidão. Pra mim, ele é muito inexperiente, se é que você me entende. Mas é um bom rapaz. Pelo que eu pude constatar, tenho certeza que ele carrega uma vontade louca de te conhecer melhor, ainda mais depois da sua aparição relâmpago lá no bar, semana passada”, eu respondi, me sentindo mais uma vez o cupido de uma situação que eu esperava ardentemente fosse capaz de confirmar um resultado positivo e tranquilo para ambos.

Gutti havia sido recém-contratado para o departamento comercial da produtora onde presto meus serviços. Novo na ilha, ele estava tentando se enturmar com seus iguais. No trabalho, ele se destacava por ser bem esforçado, apesar de um tanto certinho além da conta e um pouco centralizador acima do limite ao realizar suas tarefas.

Por outro lado, o ruivinho era dono de um papo divertido, sempre com tiradas inteligentes, bem estruturadas. Além disso, suas clássicas roupas sociais até que o transformavam numa tentação muito interessante... no lado físico das coisas.

“*Partidão* foi ótimo. Ele é um ursinho deliciosinho. Gatíssimo, devo assumir. Vamos ver no que vai dar. Preciso voltar a comer peixe. Para atrair. Você entende, não é mesmo?”, gargalhou um Hilo eufórico, rindo solitário de uma piada batida, sem um pingo de graça.

“Bom, meu docinho, eu preciso ir. Conhecendo a senhora como eu conheço, ligue para o número dele ainda hoje, se desejar. Acredito que a nova linha já está ativa. Agora tenho que abandonar o barco. Trabalhei feito um alucinando quase dois dias seguidos. Já passa das onze e estou despencando de sono.”

“Eu entendo. Mais algumas horas diante daquela tela enorme e a senhora virava a Dona Minhoca a morar dentro da Maçã Americana. Obrigado pela visita cupídica. Sua leve presença abrandou a intensa dor provocada pela minha extrema solidão”, ironizou Hilo, movendo braços e mãos soltos no ar, fazendo caretas patéticas para encerrar uma tragicomédia de quinta.

“Hilo, você está sozinho porque *você* quer. Eu tenho certeza que o Denês ainda não te esqueceu”, sussurrei, beijando com meiguice os lábios frios do meu melhor amigo.

“Denês é passado. Cumprimos nossa missão. Paguei mais do que eu devia para caminhar ao lado dele nos últimos nove anos. Ele mudou a trilha do seu destino por vontade própria. Ele me trocou por você-sabe-quem. Todo tipo de traição é realizado de um jeito pra lá de consciente, por isso não devo lamentar a fígada do meu salto agulha naquela bundona depilada...”, Hilo tapou o rosto com as mãos, tentando sufocar um caso ainda não resolvido a contento.

“Eu entendo. Desculpe minha sinceridade. É que eu também compreendo o lado dele. Ele estava carente e foi pra lá de manipulado, você sabe disso. E, cá entre nós, você sempre deu muito mais atenção ao seu trabalho do que às pessoas que circulam ao seu redor”, respondi com tato, ao tirar delicadamente do rosto redondo aquelas mãos que embelezavam o mundo, revelando um par de olhos latinos embaçados em lágrimas acrílicas a escorrer pela tez morena.

Hilo me mostrou a língua, sorrindo, todo encabulado. Baixei a guarda.

“Olha como é linda a letrinha dele!”, Hilo mudou de assunto, apreciando o seu primeiro tesouro bem documentado.

Rimos, trocamos mais um beijo e degustamos um breve adeus.

* * *

Ao sair da casa repleta de artes bem-acabadas e motos antigas implorando por um restauro, o vento cortante castigou meu peito frágil, fazendo-me contorcer de frio ao desbravar a rua despovoada.

Quando cruzei a terceira entrada do Parque Municipal de modo a reduzir meu trajeto até em casa, uma movimentação estranha cativou minha atenção. Percebi que atrás de uma frondosa paineira havia um casal em atitude não convencional.

O Parque da Paz, como era chamado pelos moradores locais, também funcionava como um discreto ponto de pegação, devido à privacidade de sua densa vegetação e principalmente por causa de uma trilha específica que saía da mata e desembocava na praia de Gobsun, a mais bela de toda ilha.

Nessa trilha era muito comum a gente caçar um cara e levar nosso bom piquenique até as areias fofas da praia convidativa, tarde da noite, e fazer tudo o que desse nas telhas até altas horas da madrugada, sem ser incomodado por ninguém, pelo menos durante a baixa temporada.

Através de um código não fundamentado, Gays curtiam boa pegada nas areias e Héteros se engalfinhavam no mato mesmo.

As cutucadas da Dona Curiosidade me fizeram avançar o sinal. Levei um baita susto ao ver um rapagote negro sendo espancado por um guarda branco, imenso de excessos, que transpirava além da conta enquanto abusava do pobre garoto.

Seu rosto tinto era demoníaco. O guardanimal não parava de desferir elétricas coronhadas na cabeça daquele ser indefeso. Notei que os pulsos do rapaz eram corroídos por algemas diamantadas.

O negro estava ajoelhado, totalmente submisso perante as atitudes humilhantes daquele que deveria protegê-lo contra qualquer tipo de violência.

Ao ver o monstro manipular o zíper do seu uniforme e violentar com um sexo diminuto a boca do rapaz em pânico, a revolta atingiu o ápice dos meus sentidos.

Sem pesar as consequências, corri e me atirei entre os homens para acabar com aquela cena maléfica. O menino ficou transparente ao confirmar minha presença, fora de mim-eu-mesmo, empurrando em tapas o policial canalha.

Lembro-me vagamente de ter levado uma distorcida pancada na cabeça e ter perdido por algum tempo a consciência. Ao acordar, eu estava atado em uma árvore, sem a calça, e com as pernas abertas ao máximo, ambas fortemente amarradas.

Meu corpo formava uma estrela perfeita chumbada na textura rugosa que me feria a pele. Vi o moleque chorando num canto, de cócoras à minha frente, quase desmaiado sobre o chão coberto por folhas úmidas, obrigado a assistir algo terrível que estava prestes a acontecer.

“Me desculpa. Me desculpa!”, ele murmurava, dando a entender que fora forçado a atar meus membros liberados para um extremo sofrimento.

Notei que seus lábios estavam sangrando e uma pasta viscosa escorria pelo seu rosto afogueado. O filho da puta tinha gozado nas faces daquele inocente!

Senti um corpo fedorento contrair suas imundícies sobre meu espírito tenso. A Besta materializou-se atrás de mim, roçando sua escorregadia barriga disforme entre minhas costas e nádegas arredias. Fui golpeado com um porrete de borracha, que

queimava minha alma a cada investida. De tão abalado, eu não conseguia emitir nenhum som. Por causa de um orgulho idiota, eu trincava os dentes e não autorizava o escape do meu desespero. Se as cordas se rompessem por magia, eu certamente mataria aquele cretino.

Ele então cuspiu no tal porrete e tentou me penetrar à força. Lembrei que existe um Deus e implorei a Jesus que não permitisse que o pior ocorresse.

Eu sentia as lágrimas e os soluços perplexos do garoto que acompanhava tudo em conflituoso silêncio. Virando um pouco o pescoço, pude notar que o policial mantinha pleno controle da situação, apontando a arma para o negro ao mesmo tempo em que me perfurava com o bastão de áspera borracha secular.

Por mais que eu tentasse impedir que aquilo me dominasse as entranhas, a posição das minhas pernas escancaradas impedia qualquer resistência maior.

Urrei em desalento quando parte do objeto infernal abriu tortuoso caminho na minha viril intimidade. O animal retirou o porrete do meu ânus dilacerado, que sangrava minha dignidade, golpeando em seguida seu sexo putrefato dentro de mim.

Não sou capaz de precisar por quanto tempo aquele monstro entrou e saiu do meu íntimo. Quase vomitei quando senti a ardência do seu mijo me invadindo, escorrendo, queimando meu rabo, minhas coxas, minha complexa existência.

O ódio que eu carregava dentro de mim-eu-mesmo era bem mais corpulento do que toda razão e bom senso compactados no universo. Eu me culpava por não ter tido a ideia de registrar nitidamente os registros faciais do filho do diabo.

De repente, Dominador soltou um grito abafado, expulsando a primeira vítima daquele jogo sórdido. O demente proferiu meia dúzia de ameaças contra o desnorteado garoto. Pude perceber pelo barulho que as algemas foram retiradas e que o pobre rapaz volitou em disparada para o seio do matagal, derramando um choro cambaleado, deixando-me sozinho com o capeta encarnado.

O cano frio de uma arma lunática acariciava meu pescoço em movimentos distorcidos. Eu tremia, implorando o suicídio da minha consciência, rezando para fugir do Pesadelo. Eu queria acordar daquele sonho ruim. Porém, o cheiro fétido, ácido e pegajoso que exalava daquele monte de estrume não me permitia sair do meu corpo e me esconder na décima oitava dimensão outrora tão ignorada.

O cano rompia o resto da minha dignidade. Eu rangia e chorava e queria desencarnar de uma vez. A língua viperina do policial brincava, lasciva, entre minha nuca e minha orelha esquerda. O hálito vencido daquele cretino entupia minhas narinas. Eu não aguentava mais aquela situação.

Ele finalizou o maldito ritual penetrando o cano da arma ora no céu da minha boca, ora no meu cu infernizado, masturbando-se e gozando mais uma vez.

Senti gotas ralas salpicadas sobre minhas costas avermelhadas.

Assoviano uma versão distorcida do hino alemão, todo garboso e bonachão, ele apurou sua roupa oficial longe dos meus restos.

Enojado pelo que acabara de praticar comigo, a fim de garantir meu silêncio, um tapa violento grunhiu sobre minha face esquerda.

“Não olhe para trás, viado peludo, impuro de merda”, ele vociferou.

“Baixe a porra dessa cabeça, seu filho de uma vagabunda!”, ele grunhiu.

De repente, fui besuntado por alguma solução desinfetante, alcoólica, mentolada. Fogo e enxofre.

O sufocante odor amarelado embotou meu penúltimo ânimo. Minha boca foi a última vítima de um pano encharcado. Entre delírios e pesadelos, senti que o canalha ainda emitia sons da canção sagrada em timbre de deboche, quando cortou o que imaginei serem cordas que atavam minhas dores junto à árvore.

Desabei de joelhos na mata enregelada. Minha calça foi atirada em meu rosto.

Groque, não pude mensurar quando ele partiu, tamanho era o meu temor de que o monstro estivesse de tocaia, talvez dentro da viatura no outro lado da rua, pronto para me dar o tiro de misericórdia.

Sem forças, entre delírios e sussurros, chorei por horas inteiras, acorado sobre folhas envergonhadas naquela madrugada congelante.

Minha camisa jazia em tiras esparsas fora do alcance das minhas mãos perfuradas. A última recordação fixa em minhas retinas era um desenho difuso dos tecidos organizados sobre a relva...

... que formavam uma suástica a debochar das minorias.

* * *

O sol acarinhava sua imponência através de leves feixes dourados que tentavam cicatrizar a miríade de ferimentos que cobriam o que restava de humano em mim-eu-mesmo. Aquecido, e por que não afirmar: protegido, finalmente tomei coragem para abandonar o horror ocorrido no parque que deveria ser da paz.

Com gigantesco sacrifício, eu arrastava meu espírito retalhado pelos cantos das ruas, escondendo minha decadência entre becos e trechos não habitados – graças a Deus! – por vivalma naquela hora.

Eu queria chegar à minha casa, esconder meu fracasso no abismo do meu banheiro e retirar toda aquela imundície da minha existência o mais rápido possível!

As dores provocadas pela Maldade em meu todo eram intensas demais. Senti que eu não iria me aguentar no trajeto até meu sonhado destino.

Quando uma viatura se avolumou centímetros ao meu lado, fiquei paralisado por completo e não tive coragem de encarar o condutor daquele carro que agora eu julgava mefistofélico. Estremeci diante do estalo da porta da lei sendo escancarada. Esmoreci com o aperto da mão aveludada sobre meu indefeso braço esquerdo.

Corroído num pânico mais do que previsível, contorci meu rosto aprisionado em gigantesco terror a fim de encarar o semblante do animal que havia transfigurado meu corpo e aniquilado minha alma.

Ao deparar com um “Santo Deus!” e aquele olhar dourado de um rosto atônito a transpirar piedade, não suportei a profusão de sensações e apaguei em definitivo, desistindo de imediato da minha infrutífera batalha.

* * *

Acordei amparado entre braços musculosos, onde sedosos pelos prateados eram iluminados por uma relaxante fresta de luz que vinha da ampla janela do que julguei ser um cômodo espaçoso, arejado, isento de excessos, límpido.

Ambos afogados no centro de um sofá convidativo, eu estava deitado no colo do policial que me salvou do vazio de um universo desconhecido.

Meu corpo estava limpo, fresco, leve, emanando lavanda.

Uma camisa social azul e uma cueca boxer branca, ambos folgados demais, cobriam minha frágil e deformada intimidade.

“Que bom que você acordou”, ele disse num tom muito acolhedor, tocando delicadamente meu rosto inchado.

“Meu nome é Beijamim. Eu sei quem fez isso com você.”

“P... or q... eu?”, as palavras saíram num dolorido sussurro rouco, distante, titubeado.

“Rios é a encarnação do demônio. Há tempos que estou na cola dele. Um dia terei completado a sequência de provas e prometo que vou pegá-lo. Pode apostar!”

A mão em carinhos de Beijamim promovia maravilhas na minha recuperação. Num tom calmo e pausado, apesar da grande revolta estampada em seu semblante, o policial que agora era um homem comum e corrente contou-me a história do diabo.

Eu não era uma vítima convencional, já que Rios só praticava seus atos diabólicos com rapazes menores e de tez morena ou negra. Gays brancos, na casa dos trinta e peludos não faziam parte do seu maldito ritual.

Eu havia invadido seu jogo horrendo. Ele me puniu da mesma maneira que fazia com os outros coitados que viviam além da ponte.

Aparentemente, era a terceira vez que o lazarento atacava em território loveano. Beijamim percebera que eu havia estado com o demente por causa da sequência de ferimentos no meu corpo. Sempre o mesmo *modus operandi*.

A marca registrada do maníaco era ferir o ânus da sua presa com o porrete de borracha. Nem tinha me dado conta de quanto eu estava estropiado, chegando a empapar de sangue e bosta toda minha calça mais amada.

Esse foi o sinal que fez com que meu protetor, aterrorizado, parasse o carro e me levasse para sua casa, esperando eu recobrar a consciência para decidirmos se eu ia ou não ao hospital.

No final da sua ronda, o policial havia quebrado todas as regras. Mas ele sabia o que estava fazendo. O homem apaixonado atrás da farda precisava provar seus sentimentos de uma vez por todas.

Não era para ser daquela maneira, mas agora pouco importava qual direção seguir. Beijamim estava disposto a cicatrizar todas as minhas feridas.

Aquele homenzarrão estava chorando... incontrolável!

E havia algo mais.

Foi assim que compreendi a razão de tudo: Beijamim, surpreso e encabulado, me contara que há milênios me paquerava durante encontros casuais que ocorreram entre nós, sem eu perceber.

Somente após suas revelações a minha ficha finalmente caiu: a produtora onde trabalho fica a poucos metros de distância do Groove's, o bar frequentado por quatro dos cinco policiais da única delegacia da ilha.

Eu passava todos os dias em frente ao bar. E de tempos em tempos costumava tomar uma cerveja após o expediente, discreto e solitário num canto qualquer do brilhoso balcão pintado de vermelho vivo.

O mais engraçado (eu precisava rir um pouco de todo absurdo!) é que eu nunca havia dado trela para qualquer ser que usasse uma farda!

“Sou duro na queda no campo profissional. Só que... nas coisas referentes ao coração, eu sou muito fechado, um tremendo bobalhão. Quando descobri que você estava sozinho, confesso que andei maquinando algum jeito natural de cruzar nossos destinos e, sei lá, de repente te conhecer melhor. Depois, quem me dera ter a coragem necessária para te pedir em namoro”, confessou Beijamim, incrivelmente encabulado, o olhar tímido e receoso perdido na direção da vultosa janela, onde um céu azul com poucas nuvens formava uma pintura realista que abrilhantava o ambiente acolhedor.

“Será que ainda devo alimentar alguma esperança? Será que você, traumatizado como está, teria coragem de se relacionar com um... policial... assumido... em todos

os sentidos? Oh, me desculpe, não sou assim. Não sou um homem indeciso. Apenas transtornado com o que aconteceu. Com o que acontece com todos aqueles meninos. Meu Deus, até quand...!”

Beijamim perdia o controle por causa de uma válida revolta. Eu estava diante de um ser humano verdadeiramente notável.

Ah, aqueles lábios...

“... e tenho medo de te perder de uma vez. Oh, aceitar que não tive tempo suficiente para te conquistar, te proteger, te amar...”, notei apreensão no olhar do meu Protetor.

Inconformado pelo que me havia ocorrido, Beijamim se encontrava no limiar de suas forças, já que a ingrata surpresa em encontrar seu macho tão desejado naquelas condições impostas por um louco que ele perseguia há tanto tempo, o fardo era deveras injusto, mesmo para um homem acostumado ao mais nefasto dos mundos.

“Se pudermos agir em conjunto e encontrar uma maneira de fazer Rios pagar pelos crimes que vem cometendo, as marcas do que vivi serão apagadas daqui um tempo”, eu disse, no automático, levantando com dificuldade minha mão direita, tocando com carinho o rosto afogueado do meu Lábios Celestes, induzindo seu olhar assustado a cruzar com o meu, esperançoso.

Que glória! Ganhei uma série de beijos melódiosos nas pontas dos meus dedos descascados e nas marcas profundas em torno dos meus pulsos ralados. Três lágrimas adocicadas atingiram meus lábios secos. Eu me perdia entre conflitos e desejos nos arredores do olhar dourado do meu Amor definitivo.

“Leve-me para cama e fique comigo por algumas horas. Deixe-me envolto no teu abraço. Tenho certeza que, quando eu acordar, estarei me sentido um pouco mais leve, tranquilo, protegido e... amado!”, eu implorei.

Meu choro entrou em erupção durante aquela cena indescritível.

“Meu amor, não podemos evitar o hospital. Você precisa de cuidados profissionais. Você não quer que eu...”.

Contra todo entrave físico, aprumei a parte superior do meu corpo destroçado e tapei a boca de Beijamim com um atrevido bailar umedecido:

“Por favor... agora não. Você já me purificou nas tuas águas. Quero quebrar o bom senso e atar a lógica. É hora de descobrir todas as respostas. Preciso sentir todas as verdades do teu coração”, eu pronunciei em falsete, entre línguas e selos envoltos em afagos celestiais, onde meu olhar vidrado completava minha sentença definitiva.

“Sim, meu amor, você é dono de todas as razões. Vamos dormir... juntos. E acordaremos para uma nova vida em comum. Deixe-me cuidar de você, à minha

maneira. Dê-me a chance de compartilhar contigo aquilo que guardo de mais puro e sincero dentro de mim”, sussurrou, em prantos, um homem agora criança; um homem que havia conquistado de imediato minha simpatia e meu coração.

Numa cena digna de um filme *melacueca*, Beijamim elevou meu corpo com incrível facilidade. Concentrado e todo cuidadoso, o policial me levou para o quarto como se eu fosse uma virgem recém-casada.

Nus, esquecemos a realidade do mundo ao atrelarmos nossos corpos numa só carne, onde meu homem da lei buscou a melhor posição para envolver meu espírito ferido junto ao seu, jubiloso.

Mais um beijo selou o princípio de um amor que nascia após uma série de desencontros e sofrimentos involuntários.

A mistura de cheiros durante nossas respirações ofegantes fundiu-se numa química perfeita. Fizemos amor apenas com a troca de nossas salivas e uma enxurrada de lágrimas de suave e merecida felicidade.

Adormeci com Beijamim protegendo meu futuro, bem resguardado no centro dos seus braços tatuados.

* * *

Ontem... um policial tentou aniquilar minha dignidade, meu corpo, meu futuro.

Hoje... outro policial declarou seu amor incondicional por mim-eu-mesmo, aceitando-me no estado em que eu estava. Disposto a construir uma vida ao meu lado. Prometendo-me proteção, carinho e amor.

Eu e Beijamim realizamos o Pacto do Companheirismo. Juntos, lutaremos por justiça, unindo nossas forças contra os milhares de “Rios” que ainda atuam impunemente mundo afora.

* * *

Eu estava solto!

Mãos acarinhadas. Olhares em estado de graças.

Senso de uma nova realidade? Sim. Plenamente!

Nosso enlace implorava por um banho de beijos trincando entre labaredas purificadoras. Já nossas almas sonhavam em permanecer naquela cama acolhedora, ambos bem quietinhos.

* * *

Fui destruído por um sujeito que tinha obrigação de honrar sua farda e deveria me proteger a todo custo. Fui resgatado por um cidadão que honrava sua vestimenta e seu juramento perante a lei, decidindo me amar para sempre.

* * *

Oh... aqueles lábios!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**